



## **Desenvolvimento sustentável na imprensa: Cobertura da Rio + 20 pelo Jornal de Santa Catarina<sup>1</sup>**

Michel Ivon Imme SABBAGH<sup>2</sup>

Clóvis REIS<sup>3</sup>

FURB – Universidade Regional de Blumenau/SC

### **RESUMO**

O artigo se propõe a refletir sobre a relação entre cobertura jornalística e o conceito sistêmico de desenvolvimento sustentável, o qual busca equilibrar desenvolvimento social, ambiental, econômico, territorial e político, conforme Sachs (2008). Neste sentido, também apresenta o diagnóstico de uma cobertura local sobre a Rio+20, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada entre os dias 13 e 22 de junho no Rio de Janeiro, que evidenciaria um vazio informativo e falta de profundidade e interação com atores locais sobre o tema. Além disso, procura refletir como a mídia poderia avançar no entendimento dos cinco pilares do desenvolvimento e da necessidade do debate permanente sobre a crise ambiental e um modo de produção e consumo comprometidos com valores universais que buscam preservar os recursos naturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** desenvolvimento sustentável; imprensa; jornalismo ambiental.

### **1 INTRODUÇÃO**

Um texto de autoria da *Inter Press Service (IPS)*, uma agência internacional de notícias, sem fins lucrativos, fundada em Roma há 48 anos e apoiada pela ONU, inspirou este artigo. E, ao que parece, materializa uma percepção que merece ser problematizada: a de que haveria uma espécie de “vazio informativo” na imprensa sobre questões do meio ambiente. E mais: uma haveria uma visão fragmentária da realidade (GIRARDI e SCHWAAB, 2008), um marketing verde, contradições na cobertura (BUENO, 2011) e até um desvirtuamento de conceitos (ABREU, 2006), sobre as mazelas do atual modelo de desenvolvimento, que, na era da globalização e das novas tecnologias, expõe com ênfase as desigualdades sociais e a degradação do Planeta. Uma postura que exige reflexão, em função da emergência de uma agenda ambiental que hoje estabelece uma espécie de consenso global pelo conceito do desenvolvimento

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Jornalista, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da FURB – Universidade Regional de Blumenau, email: [michel@furb.br](mailto:michel@furb.br).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da FURB – Universidade Regional de Blumenau, email: [clovis@furb.br](mailto:clovis@furb.br).



sustentável, segundo Sachs (2008). Emerge a tese da necessidade de se fazer o debate possível entre sociedade, Estado e mercado, e entre países periféricos e centrais, na defesa e construção de um modelo inclusivo, que ataque as desigualdades sociais e ambientais. Um modelo provavelmente baseado numa estratégia endógena, que respeite as necessidades, a cultura de cada território e o conceito sistêmico, segundo Vieira (2009). O desafio seria atender a sustentabilidade sem negligenciar o crescimento econômico, foco do modelo capitalista, que também vive séria crise global com a especulação financeira.

A constatação de um “vazio informativo” na imprensa sobre o debate do desenvolvimento sustentável foi claramente expressada pelo diretor-geral da agência IPS, o jornalista uruguaio Lubetkin (2009), enfático no alerta quanto ao problema que vê nos meios de comunicação de massa: “se não houver uma boa comunicação, não há uma boa informação, nem há sensibilidade da opinião pública e, sem esta, não há participação social”. Também para Trigueiro (2005) cabe à comunicação cumprir seu papel de retirar as questões ambientais do gueto.

Com tal finalidade, o presente artigo investiga detalhadamente a cobertura do Jornal de Santa Catarina (Santa), com sede em Blumenau, impresso diário com abrangência no Vale do Itajaí, importante polo de desenvolvimento regional. O diagnóstico se baseia no que foi publicado no Santa sobre meio ambiente no mês de junho de 2012, especialmente sobre a Rio + 20, a grande conferência da ONU que procurou avançar no debate sobre o enfrentamento global da crise ambiental - desde a realização da última conferência, em 1992, também no Rio.

## **2 O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Oficialmente, o conceito "desenvolvimento sustentável" ou "sustentabilidade" foi apresentado pela primeira vez na Assembleia Geral das Nações Unidas em 1979. Foi assumido pelos governos e pelos organismos militares a partir de 1987 quando, depois de quase mil dias de reuniões de especialistas convocados pela ONU sob a coordenação da primeira-ministra da Noruega, Gro Brundland, publicou-se o documento “Nosso Futuro Comum”.

É lá que aparece a definição tornada clássica “Sustentável é o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”.



Para Strong (2012), a crise ambiental e a economia estão interligadas, e se nada fizermos, a redução das emissões globais de gases-estufa poderá se dar pelo colapso da economia mundial. Segundo ele, a crise ambiental e as crises econômica e financeira têm a mesma origem: as deficiências do sistema econômico, que amplia a brecha entre ricos e pobres, desfavorecidos dos benefícios do desenvolvimento.

Segundo Cavalcanti (1995) é inadmissível que a lógica do desenvolvimento econômico entre em conflito com aquela que governa a evolução da biosfera, coisa que vem, segundo ele, vem ocorrendo principalmente nos últimos 50 anos. Para ele, ainda, Os seres humanos e o mundo natural estão numa rota de colisão, ou seja, não são respeitados os chamados ciclos naturais.

### **3 PILARES DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Sachs (1986, 1993, 2008), um economista polonês, naturalizado francês, citado como ecossocioeconomista por sua concepção de desenvolvimento como uma combinação de crescimento econômico, aumento igualitário do bem-estar social e preservação ambiental, foi o precursor do conceito de ecodesenvolvimento, que designa um modelo mais equânime e ambientalmente correto de produção, distribuição e consumo de bens.

Depois é que a tese ganhou outros contornos e passou a ser conhecida por desenvolvimento sustentável. Os princípios básicos deste novo modelo de desenvolvimento foram formulados tendo como pressuposto a existência de cinco dimensões, a saber: Sustentabilidade social, Sustentabilidade econômica, Sustentabilidade ecológica, Sustentabilidade espacial e Sustentabilidade cultural.

Ele explica os cinco pilares do desenvolvimento sustentável, atualizados em 2008:

- a) Social: fundamental por motivos tanto intrínsecos quanto instrumentais, por causa da perspectiva de disrupção social que paira de forma ameaçadora sobre muitos lugares problemáticos do nosso planeta;
- b) Ambiental: com suas duas dimensões (os sistemas de sustentação da vida como provedores de recursos e como “recipientes” para a disposição de resíduos);
- c) Territorial: relacionado à distribuição espacial dos recursos, das populações e das atividades;



- d) Econômico: sendo a viabilidade econômica a *conditio sine qua non* para que as coisas aconteçam;
- e) Político: a governança democrática é um valor fundador e um instrumento necessário para fazer as coisas acontecerem; a liberdade faz toda diferença.

Ao dar esta visão à sustentabilidade, Sachs (2012) defende uma visão holística dos problemas da sociedade, e não focar apenas na gestão dos recursos naturais. Para ele é necessário pensar em algo muito mais profundo, visando uma verdadeira metamorfose do modelo civilizatório atual, buscando um desenvolvimento socialmente incluyente e ambientalmente sustentável.

#### **4 A POLÍTICA AMBIENTAL NO BRASIL**

Segundo Vieira e Cader (2007), a década de 80 é marcada com um grande avanço na política ambiental no Brasil e a concepção de compatibilizar meio ambiente e desenvolvimento foi fortalecida nas esferas nacional e internacional quando a Comissão Brundtland, criada pela Organização das Nações Unidas em 1983, divulgou o conceito “desenvolvimento sustentável”.

A emergência de um novo paradigma fez com que essa expressão passasse a ser utilizada por representantes do Estado, da sociedade civil e dos empresários.

Com a Constituição de 1988, no Brasil, as políticas ambientais evoluem e estados e municípios passam a ter competência para formularem suas próprias políticas, ao mesmo tempo em que determina ser direito de todos um meio ambiente ecologicamente equilibrado e que é dever do poder público e da coletividade defendê-lo e preservá-lo.

No plano institucional, a área ambiental do Estado, influenciada pela Constituição de 88, transformava-se com a criação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), em 1989, que passa a ter a missão de formular, coordenar e executar a Política Nacional de Meio Ambiente. (VIEIRA e CADER, 2007)

Para os autores, após a RIO'92, a política ambiental no Brasil dá um salto qualitativo com a aprovação da Lei de Crimes Ambientais ou Lei da Natureza, Nº 9.605/98. Ou seja, a sociedade brasileira, os órgãos ambientais e o Ministério Público passaram a contar com um instrumento que lhes garante agilidade e eficácia na punição aos infratores do meio ambiente.



Vieira (2009) também analisa o conceito sistêmico de ecodesenvolvimento diante das incertezas impostas pela globalização, em artigo intitulado “Do preservacionismo ao desenvolvimento territorial sustentável”.

Segundo ele, no decorrer das décadas de 1980 e 1990, a proliferação de estudos de caso sobre as experiências de desenvolvimento local e desenvolvimento territorial em diferentes contextos nacionais têm contribuído para o aprofundamento das noções (sistêmicas) de endogeneidade, descentralização, self reliance, autonomia local e sistemas produtivos locais integrados, que sempre foram consideradas como alicerces da posição ecodesenvolvimentista.

## **5 A IMPRENSA, NA CRÍTICA DOS JORNALISTAS**

Para Eliana de Souza Lima, diretora administrativa da Associação Brasileira de Jornalismo Científico, a comunicação pode, sim, ajudar mais na educação ambiental.

Segundo ela, os jornais publicam matéria sobre a falta de água e a ausência de chuvas, por exemplo, mas pouco ou nada revelam sobre o desperdício da lavagem diária de calçadas e de carros nos lava-rápidos e postos de gasolina, descuidando-se do seu papel de educador, em especial para os pais responsáveis por gerações que poderiam estar mais afinadas com a preservação do Planeta,

Mas entende Lima (2002) que o jornalista não faz o papel de educador porque lhe falta também uma formação específica no campo educacional e principalmente no científico. Para este quadro colabora também a postura dos veículos de comunicação, tratando como modismo eventos importantes como a Rio 92, abrindo espaços consideráveis apenas no momento de sua realização.

Também para Abreu (2006), os jornalistas se apropriam de conceitos universais e posturas empresariais para falar de ecologia, mas não abordam aspectos locais, nem as comunidades envolvidas e calam os conflitos existentes, o que seria visto como uma uniformização do discurso midiático. Para ela, estar de bem com a natureza é um negócio, e é isso que grande parte da mídia compra e publiciza.

Bueno (2011) vai na mesma linha crítica ao “ecojornalismo”, ao apontar, em artigo, que a ausência de uma perspectiva crítica no jornalismo ambiental favorece uma postura equivocada de corporações monopolistas e governos, que optariam por praticar um marketing verde, desvirtuando conceitos. Ao fazer um balanço pós-Rio + 20, Bueno



(2012) disse que a mídia precisa desempenhar um novo papel, porque lhe faltaria competência e disposição.

Ou como aponta Pereira (2012), para quem o jornalismo ambiental sofre com profissionais despreparados, que buscam apenas as fontes oficiais. Para ele são poucos os jornalistas com preparo para tratar de questões ambientais, impedindo-os de analisar pontos mais complexos da cobertura.

Na mesma linha, Berna (2012), fundador da Rede Brasileira de Informação Ambiental (Rebia), coloca em xeque até onde o profissional de comunicação compromete a pauta por conta de convicções pessoais. Ele aposta na pressão da opinião pública como instrumento para democratização da informação ambiental como parte da própria democratização do Brasil.

Pensar os meios de comunicação com uma função pedagógica, particularmente com relação ao meio ambiente, tem algumas implicações. Para Sousa e Fernandes (2012), uma delas é a estrutural, na medida em que as grandes redes estão organizadas como indústrias e como tal buscam sobrevivência mercadológica dentro do sistema capitalista.

Uma outra implicação, segundo os autores, é a absorção e massificação de conceitos quase sempre de forma superficial. Caso do desenvolvimento sustentável, que viveu grande momento na Rio-92, mas que assumiu apenas a condições de frase de efeito.

Eles citam um estudo de Ramos (1995) revelando que as matérias publicadas no período da Conferência privilegiaram, apenas, o enfoque político-econômico da problemática ambiental, reduzindo a dimensão multidisciplinar por ignorar seus elementos sociais e científicos.

Para Oliveira (2007) a atuação da mídia enquanto construtora do conhecimento e sua interface com a educação ambiental, não acompanha as necessidades da sociedade e do meio ambiente. O que a sociedade necessita da mídia, afirma o autor, é a produção de mensagens que abordem a versão integradora e completa da problemática ambiental, refletindo interesses coletivos, desenvolvendo um discurso que avance a mera constatação e atravessando as fronteiras estruturais, onde interesses políticos e econômicos se organizam.

Em outro exemplo desse suposto descaso da imprensa por uma agenda ambiental de fôlego e não subordinada à lógica econômico-financeira, pode ser citado



Marcuzzo (2011), segundo a qual há pautas ambientais importantes, mas ao que parece que poucos as percebem.

De sua parte, Frey (2002) apresenta um levantamento dos principais fatos ambientais veiculados na imprensa de Santa Catarina na década de 90. Para ele, o estudo demonstra uma importância limitada da questão ambiental no noticiário local, o que exige discutir a sua reorientação face ao desafio do desenvolvimento sustentável, na medida que carece de interatividade entre jornal e leitor, desprezando, portanto, a riqueza de um processo de aprendizagem e conscientização de políticas ambientais.

Há bons exemplos que buscam a reversão do quadro, como o da agência internacional de notícias IPS (Inter Press Service), entidade sem fins lucrativos, com sede em Roma, que nasceu em 1964 focada na relação comunicação e desenvolvimento, buscando informar o que fazem os países, e em particular os países do Sul, para chegarem às Metas do Milênio, estabelecidas em 2000 pela ONU com o fim de reduzir a pobreza e as desigualdades.

A IPS conta hoje com uma rede de 400 comunicadores e comemora o décimo aniversário do *Terramérica*, um serviço informativo, especializado em meio ambiente e desenvolvimento sustentável, publicado por 20 jornais de 11 países da América Latina, e cujo material para rádio é transmitido por cerca de 400 emissoras. O *Terramérica* tem patrocínio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma).

## **6 ESTUDO DE CASO**

O artigo apresenta, a partir de agora, amparado no método da análise morfológica e de conteúdo, os resultados de uma pesquisa realizada sobre notícias sobre meio ambiente, publicadas pelo Jornal de Santa Catarina, sediado em Blumenau.

Todas as edições impressas durante os 30 dias de junho de 2012 foram verificadas, página por página, no Arquivo Histórico de Blumenau, a fim de anotar todos os temas ambientais divulgados, em especial o espaço destinado à principal conferência sobre meio-ambiente, promovida pela ONU depois de 20 anos, ou seja, a Rio +20, realizada entre os dias 13 e 22.

Os dados são sintetizados no quadro abaixo.



DATAS	DETALHAMENTO DA COBERTURA SOBRE MEIO AMBIENTE NO MÊS DE JUNHO 2012
01/06/12	Duas notas na página 3 sobre o convênio entre a Secretaria de Geologia de Blumenau e a Fundação GeoRio para desenvolver projetos técnicos para estabilização de encostas em pontos críticos do Rio de Janeiro. Em troca, serão buscadas soluções para problemas geotécnicos de Blumenau, como o Morro do Coripós, encosta-problema desde a catástrofe de 2008.
02 e 03/06/12	Capa e seis páginas (16 a 21) sobre o Parque Serra do Itajaí. Reportagem especial sobre esta mancha verde que corresponde a 0,6% de Santa Catarina – o que resta de mais intacto da Mata Atlântica, o mais rico ecossistema brasileiro, sob risco de extinção. A matéria de final de semana explica como o parque protege o Vale e mostra a primeira gota do Ribeirão Garcia, em Indaial (cidade vizinha). Textos não fazem nenhuma referência à Rio+20. A reportagem prossegue até quarta-feira, dia 6. Destaca a imponência da floresta e a necessidade de a comunidade preservá-la em meio aos riscos que corre com seu abandono. Página 9 – A moda é ser ecológico. Feira do Empreendedor, em Blumenau (Vila Germânica), reúne exemplos de desenvolvimento sustentável da decoração à coleta de lixo. Página 22 – Professor da FURB, colunista Lauro Bacca comemora reabertura do Museu Fritz Müller, naturalista e amigo de Darwin.
04/06/12	Continuação da reportagem do Parque da Serra do Itajaí, tendo na capa como destaque o rei do parque, o puma. Três páginas (09 a 12). Página 16 – Previsão de chuvas fortes põe Defesa Civil em alerta. Página 15- No Rio de Janeiro, sede da Rio+20 nos próximos dias (13 a 22), comemora-se com festa o fechamento do Aterro do Camacho, maior lixão da América Latina. No local do crime ambiental por 30 anos agora funciona uma usina de biogás.
05/06/12	Continuação da reportagem do Parque da Serra do Itajaí. Na capa destaque para ação da Polícia Ambiental que queima casa improvisada de caçadores e ladrões de palmitos. (páginas 12 a 14). Página 15 – Matéria modesta no pé da página revela que Dia Mundial do Meio Ambiente tem atividades em Blumenau. Página 16 – “Informe Comercial” (patrocinado) traz pouco mais de ½ página sobre a Rio+20, destacando iniciativas de geração e consumo de energias mais limpas. Página 17 – Outro “Informe Comercial” de página inteira (patrocinado), apresenta boas práticas na escola municipal Visconde de Taunay (Itoupava Central – Blumenau) onde “alunos dão exemplo de sustentabilidade com ações ambientais integradas ao conteúdo pedagógico”. Também matéria que comemora a Semana do Meio Ambiente, só que paga.
06/06/12	Parte final da reportagem sobre o parque Serra do Itajaí. Sete anos depois de criado, parque desapropriou apenas sete dos 344 imóveis particulares que ficam na área. (páginas 12 a 15).
07/06/12	Primeira nota do mês sobre a Rio+20 (página 3 – Informe). “Estudo divulgado ontem pelo Ministério do Meio Ambiente revelou que 78% dos brasileiros não sabem o que é a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20. A pesquisa ouviu mais de 2 mil pessoas e indicou ainda que meio ambiente é apenas o sexto principal problema do Brasil, apontado por 13% dos entrevistados”. Página 31 – Jornalista Anamaria Kovács, colunista do jornal às quintas-feiras, lembra que comemorou-se terça-feira o Dia Mundial do Meio Ambiente e anuncia a realização da Rio+20 este mês.
08/06/12	Primeira grande matéria do mês sobre a Rio+20. Na página 4, Santa destaca os catarinenses que levarão propostas realizadas em escolas e universidades (UFSC) para debate no Rio. E apresenta um glossário sobre palavras que os leitores vão ouvir: desenvolvimento sustentável, alimentos sustentáveis, construção sustentável, crédito de carbono, governança, economia verde.
09 e 10/06/12	“Opinião da RBS” (página 2) revela preocupação com a conclusão do relatório Panorama Ambiental Global, o GEO-5, divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), de que apenas quatro de 90 metas ambientais importantes, definidas nos últimos 40 anos, registraram avanços significativos. E cita declaração do diretor executivo do Pnuma, segundo a qual o relatório é mensagem direta para os líderes que vão se reunir na Rio +20. Página 2- Empresário Hans Schadrack, proprietário do Parque Spitzkopf, lamenta em artigo o descaso na proteção do parque Serra do Rio Itajaí.
11/06/12	Nada sobre meio ambiente.
12/06/12	Em artigo na página 2, o economista e assistente social Klaus H. G. Rehfeldt diz que





	<p>“preservar não basta, pois resta cada vez menos”. Para ele, é preciso expandir espaços reservados à natureza, diminuindo o saldo devedor com o Globo.</p>
<b>13/06/12</b>	<p>Em “Opinião da RBS”, Santa destaca na página 2 que, 20 anos depois da Rio 92, a primeira conferência das Nações Unidas pela preservação do planeta inicia-se hoje na capital fluminense um segundo encontro com o mesmo propósito. “Não se pode deixar de notar que, passadas duas décadas, há poucos resultados a exibir (...) Mas sem uma agenda verde, o desequilíbrio no manejo dos recursos naturais representará, no futuro, um custo maior do que os benefícios gerados hoje por um padrão produtivo que já não tem o alibi da inocência e do desconhecimento”. Página 4 – “Rio+20. Debates começam hoje”, diz a matéria que ocupa toda página 4, mas nenhuma linha na capa do jornal (usada para destacar gripe A e Fenahabit). Matéria foca, na verdade, no reforço do policiamento para garantir segurança dos 50 mil participantes, especialmente das autoridades, trazendo uma grande foto de um navio da Marinha que iria proteger a costa ao longo da praia de Ipanema. Um quadrinho explica as sete prioridades da ONU: Empregos via economia verde; acesso a energia eficaz e limpa; cidades sustentáveis; segurança alimentar; acesso à água e às instalações sanitárias; gestão sustentável dos oceanos; prevenção de catástrofes naturais. Jornal destaca especialmente ausência de líderes importantes (Angela Merckel – Alemanha; Barack Obama – EUA e Inglaterra –David Cameron).</p>
<b>14/06/12</b>	<p>Novamente, nenhuma citação na capa. Em “Opinião da RBS”, jornal diz que há duas maneiras de se observar a Rio+20: a pessimista (lentidão dos avanços na área ambiental e ausência de influentes líderes internacionais, devido ao aguçamento da crise econômica e à resistência de conflitos bélicos regionais) e a otimista (mérito pela busca de soluções para o planeta, de forma organizada e civilizada). “A conquista de um mundo mais sustentável não ocorrerá de um momento para outro e depende da capacidade de eventos como a Rio+20 contribuírem efetivamente para conciliar desenvolvimento com pressupostos socioambientais”. Página 4 – “Meio Ambiente – Dilma cobra preservação também na crise”. Ao abrir a conferência, a Presidenta lançou alerta sobre a necessidade de um compromisso entre todos os países para alcançar metas de desenvolvimento sustentável”. Ela promete voltar dia 20. Matéria ocupa quase toda página 4 revelando, ainda, o que se confirmou da Eco 92, passados 20 anos.</p>
<b>15/06/12</b>	<p>Nada na capa e nenhuma matéria. Edição salva por artigo do professor da FURB e economista Ivo Theiss, que escreve às sextas-feiras. “O que esperar da Rio+20”, questiona no título. “É fácil jogar a culpa dos problemas socioambientais nos governantes. Mas os governos pouco podem fazer diante dos interesses da grande indústria, do agronegócio e das finanças”, afirma. Para ele a esperança está na Cúpula dos Povos, evento paralelo mais representativo dos interesses populares.</p>
<b>16 e 17/07/12</b>	<p>Nada na capa. Matéria em ½ página (4) revela que a ONU reúne mais de dois mil voluntários na Rio+20 e garante as principais discussões como a constituição de um fundo de US\$ 100 bilhões, até 2018, para a implementação de ações rumo ao desenvolvimento sustentável, ideia com bastantes divergências.</p>
<b>18/06/12</b>	<p>Nada na capa. Texto pequeno no alto da página 5 informa que Brasil é o quinto em defesa ambiental, conforme anúncio feito ontem pela ONU, na Rio+20, no ranking do Pnuma chamado “Índice de Riqueza Inclusiva (IRI)”. O resultado, porém, não indica cenário otimista – China, EUA, África do Sul e Brasil esgotaram parte significativa do capital natural.</p>
<b>19/06/12</b>	<p>Nada na capa. Texto pequeno no alto da página 5 (editorial de Política) informa a existência de um Fórum de Sustentabilidade Empresarial que divulgou, ontem, lista com 200 iniciativas de empresas de todo o mundo para reduzir ou neutralizar as emissões de gases causadores do efeito estufa. A iniciativa se soma ao documento assinado por 226 empresas no Brasil criando o compromisso de sustentabilidade. A lista será monitorada pela ONU. O Rio promete reduzir 20% das emissões até 2020, via programa custeado pelo BNDES.</p>
<b>20/06/12</b>	<p>Rio+20 ocupa ½ segunda capa (contracapa do 1º. Caderno), com foto da praia de Botafogo mostrando peixes gigantes feitos com garrafa pet, chamando atenção na areia. Matéria chama para texto na página 4 segundo o qual o documento final da conferência foi aprovado sem alterações pelos negociadores, antes da assinatura dos chefes de Estado, mas ainda restam dúvidas. Começa hoje a cúpula dos líderes. Um dos principais pontos de insatisfação está no veto à criação de um fundo internacional de US\$ 30 bilhões para financiar a sustentabilidade.</p>
<b>21/06/12</b>	<p>Nada na capa sobre a Rio+20, embora o destaque seja um grande deslizamento de terra que obstruiu o curso natural da água no ribeirão Garcia (bairro Progresso), impondo risco às</p>



	<p>casas. Na “Opinião da RBS” (página 2), o Grupo considera que houve “pequeno avanço” na conferência no Rio de Janeiro. “No balanço final (...) há um passo adiante na luta por um planeta capaz de conciliar desenvolvimento e preocupações ambientais”. A conferência “deixa como principal legado a reafirmação do ambiente como tema global de primeira grandeza”. As Nações Unidas abrigarão um Fórum de Alto Nível para definir objetivos até 2014. Na página 4 o texto se completa informando que “falta pulso para decidir”. A imprensa reflete que nos bastidores o relatório final de “O futuro que queremos” foi criticado por trazer poucas mudanças à sustentabilidade, apesar da presidenta Dilma considerar o evento vitorioso. Ou seja, faltam instrumentos reguladores que obriguem os países a colocar em prática as políticas.</p>
<b>22/06/12</b>	<p>Nada na capa hoje, dia do encerramento da Rio+20. Mas texto que ocupa boa parte da página 4 é duro nas explicações do que chama de “naufrágio da conferência sobre meio ambiente”. Imprensa revela que sentimento de fracasso domina bastidores. Documento final avança menos que o esperado. Maior desgosto foi expressado por entidades internacionais. O evento não empolgou por quatro fatores: postura política (diplomacia), crise econômica, ausência de líderes importantes e questões religiosas (Vaticano não deixou avançar na questão da afirmação do direito das mulheres à escolha sobre a reprodução). Evento reuniu 193 delegações mundiais, mas chefes de Estado colocaram “panos quentes” nas críticas ao resultado considerado medíocre pelo diretor-executivo do Greenpeace Brasil, Marcelo Furtado.</p>
<b>23 e 24/06/12</b>	<p>Na edição de final de semana, nada na capa sobre a Rio+20, mas um pequeno texto no rodapé da página 4 informa que os chefes de Estado aprovaram ontem, no encerramento, o documento final da Conferência das Nações Unidas sem alterações, sendo oficialmente adotado por 190 países. O documento traz compromisso com o fortalecimento do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), a criação de um Fórum Político de Alto Nível Internacional e o desenvolvimento sustentável com erradicação da pobreza, entre outros pontos (não informados).</p>
<b>25/06/12</b>	<p>Nada na capa. Edição salva por artigo do colunista das segundas-feiras, Cezar Zillig. O médico entende que a Rio+20 na verdade deveria se chamar Rio +40, valorizando as conferências de Moscou e do Rio em 1971. Mas conclui que a conferência encerrada dias atrás foi tímida e que a humanidade “ingenuamente subestima a crise ecológica, a maior e mais grave ameaça com a qual já se defrontou”. Ele informa, ainda, que se preocupa com a questão ambiental desde 1978, quando terminou a leitura de “O limite do crescimento”, relatório produzido pelo Clube de Roma - 70 cientistas de 25 nacionalidades, sob a coordenação do MIT, em 1968, já projetando cenários futuros sombrios por conta da industrialização acelerada, rápido crescimento populacional, subnutrição em nível global, exploração predatória de matérias-primas e destruição do espaço vital.</p>
<b>26/06/12</b>	<p>Nada sobre a Rio+20. Artigo na página 2 de professora da FURB revela existência na Universidade, há cinco anos, de um Grupo de Estudos de Educação Ambiental sobre a coleta e reciclagem de resíduos sólidos em condomínios verticais em Blumenau.</p>
<b>27/06/12</b>	<p>Nenhuma linha sobre a Conferência sobre Meio Ambiente, a Rio +20, encerrada dia 22. Capa chama atenção com foto de um grupo de capivaras flagrado na curva do rio Itajaí-Açu, no centro de Blumenau, que ontem repercutiu forte nas redes sociais. Destaque também para artigo na página 2 aliando a sustentabilidade à construção civil, em Blumenau, e notas do colunista de Economia cobrando a ampliação do recolhimento de lixo reciclável na cidade. Ele sugere postos públicos de coleta para receber o material que seria entregue pelos blumenauenses.</p>
<b>28 a 30/06/12</b>	<p>Nenhuma linha mais repercute no Santa a sobre a Rio+20. A última informação sobre o evento saiu no dia 25 pelas mãos de um colunista sensibilizado com a causa ambiental e a preservação do Planeta.</p>

Quadro 1 – Dados das matérias analisadas

Fonte: Elaborado pelo autor (2013)

A análise dos dados da pesquisa revelou que:

- A primeira nota sobre a Conferência da ONU Rio + 20 saiu apenas no dia 7.
- A primeira matéria grande anunciando a Conferência foi publicada no dia 8,

em página interna.



- Em nenhuma vez a conferência mereceu chamada na capa principal, nem sequer na abertura do evento e nem no encerramento, tendo apenas um único destaque na contracapa (dia 20), e limitando-se a poucas e superficiais matérias nas páginas internas, carregando um certo tom pessimista, na esteira da grande mídia, que destacou o “naufrágio da conferência” (no encerramento, dia 22).

- Foi quase nula a repercussão local e nem houve interação com os leitores. Predominaram muito mais as opiniões do Grupo RBS e dos colunistas do Santa (nos dias 09, 13, 14, 15, 21 e 25), concentrando-se as matérias ou meras notas sobre a Rio + 20 apenas em 11 dias (07, 08, 09, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 23), ou seja, um pouco antes, durante e depois do evento;

- A própria Semana do Meio Ambiente foi muito pouco divulgada e teve dois textos patrocinados por empresas.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar dos avanços na cobertura, especialmente após a Eco 92, evidenciam os depoimentos, a análise dos textos do JSC e a bibliografia e os artigos que, de maneira geral, a grande mídia e a imprensa latino-americana divulgam mal e, pior que isso, de maneira superficial a problemática ambiental, concentrando foco apenas nos casos dramáticos e factuais.

Não se percebe, portanto, preocupação maior em pautar uma agenda regular, qualificada e propositiva pela ampliação da consciência ambiental, do desenvolvimento sustentável, da proteção premente dos ecossistemas e a luta pela qualidade de vida das atuais e futuras gerações e de todos os seres vivos.

O que se vê são caso isolados de jornalistas ou grupos de jornalistas especializados em jornalismo ambiental que, apesar dos equívocos aqui relatados, já despertaram para a emergência da agenda ambiental, fortalecendo laços profissionais e institucionais através de redes, afinados com as demandas reais da sociedade. Novos veículos e espaços de divulgação, como as mídias sociais, colaboram para enriquecer a discussão em torno da complicada e nem sempre pacífica relação entre desenvolvimento sustentável e crescimento econômico.

É fato que os grandes meios de comunicação seguem a lógica capitalista e do mercado e não têm interesse numa abordagem de combate, consistente e permanente da



problemática ambiental, que emparede governantes, mercado e a própria sociedade em prol de uma sociedade mais comprometidas com políticas preservacionistas.

E ainda não se vê uma imprensa que avance, minimamente, no enfrentamento de questões como a exagerada produção de bens e o seu consumo a qualquer preço, das gritantes desigualdades sociais, a depredação dos recursos naturais, o aumento da poluição, dos desastres ambientais, entre outros males da falta de educação e de consciência ambiental.

A cobertura do Jornal de Santa Catarina em relação à Rio+20 pouco ou nada acrescentou ao debate da sociedade local. Rapidamente informou, mas não formou novas consciências.

A fraca apresentação do tema nos 30 dias de junho demonstra que predominaram a reprodução de noticiário nacional, os editoriais da empresa, algumas colunas e matérias com as mesmas fontes oficiais (autoridades) ou empresariais de sempre, ou seja, uma cobertura totalmente desconectada da realidade local, desqualificando totalmente o debate com os atores da região de sua abrangência, especialmente o Vale do Itajaí.

Foi uma cobertura pobre, protocolar e sem graça, que cumpriu tabela para não ficar de fora do jogo de mercado e da grande mídia que, na maioria das vezes, ela copia.

Mas o Santa não está só. A percepção que fica é de que há um longo caminho a se percorrer na sensibilização de veículos e profissionais de comunicação para uma reflexão profunda sobre esta temática, que leve a uma nova postura da sociedade, um pacto, uma governança em favor da vida que preserve, de fato e de direito, as necessidades das atuais e futuras gerações.

Enfim, dizem os críticos e concordamos, a Rio+20 foi mais um evento midiático que careceu de cobertura qualificada. E este artigo reforça a convicção de que a imprensa, com raríssimas exceções, não assume uma postura realmente investigativa de grandes temas ambientais que contraponham interesses empresariais e políticos.

Espera-se, um dia, que suficientemente bem informada e estimulada do que ocorre na sua própria região, no país e no Globo, a sociedade possa controlar, se mobilizar e intervir, exercendo efetivamente a sua cidadania.

Conclui-se que é fundamental que sociedade, imprensa ativa e democrática, empresas e governo busquem sintonia, visando conciliar os grandes interesses sociais, culturais, ambientais e econômicos em favor do desenvolvimento sustentável e, quem sabe, de um novo ambientalismo que minimize a ação predadora do homem.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, Míriam Santini. **Quando a palavra sustenta a farsa: o discurso jornalístico do desenvolvimento sustentável.** Florianópolis. UFSC, 2006.
- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS INTERNACIONAL. **Inter Press Service – IPS.** Disponível em: <<http://www.ipsnews.net>>; <<http://www.ips.org/ipsbrasil.net/index.php>> e <<http://www.ips.org/ipsbrasil.net/about/about4.php>>. Acesso em agosto de 2012.
- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DA IPS - **Tierramérica Meio Ambiente e Desenvolvimento.** Disponível em: <[http://www.tierramerica.info/index\\_pt.php](http://www.tierramerica.info/index_pt.php)>. Acesso em agosto de 2012.
- BERNA, Vilmar. Disponível em: <http://envolverde.com.br/noticias/comeca-no-rio-iv-congresso-de-jornalismo-ambiental/>. Acesso em agosto de 2012.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Pesquisa revela brasileiro mais consciente, mas dois terços (66 em cada 100) dizem desconhecer o que é consumo sustentável.** 2012. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/informma/item/8386-o-que-o-brasileiro-pensa-do-meio-ambiente-e-do-consumo-sustent%C3%A1vel>. Acesso em agosto de 2012.
- BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo ambiental e transparência corporativa: o marketing verde como estratégia de mistificação.** Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura., Vol. 1, No 02 (2011). Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/acaomidiatica/article/view/26426>. Acesso em agosto de 2012.
- \_\_\_\_\_. **A imprensa pós-Rio + 20.** Entrevista ao portal revistapontocom. Disponível em <http://www.revistapontocom.org.br/entrevistas/a-imprensa-posrio20>. Acesso em setembro de 2012.
- CAVALCANTI, Clóvis (org.). **Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável.** São Paulo: Cortez. Fundação Joaquim Nabuco, 2001.
- FREY, Klaus. **O papel da imprensa na política ambiental.** Revista de Ciências Humanas. EDUFSC. Florianópolis. Outubro de 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25266>. Acesso em agosto de 2012.
- [GIRARDI, Ilza, SCHWAAB, Reges\(org\). \*\*Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões.\*\* Porto Alegre: Dom Quixote, 2008. 450p.](#)
- [GIRARDI, Ilza Maria Tourinho, MORAES, Claudete Herte, LOOSE, Eloísa Beling. \*\*Bases do jornalismo ambiental e os desafios para a cobertura da Rio + 20.\*\* Julho de 2012. Revista digital ibero-americana Razón y Palabra. Disponível em: \[www.razonypalabra.org.mx/N/N79/M79/01\\\_TourinhoHerteBeling\\\_M79.pdf\]\(http://www.razonypalabra.org.mx/N/N79/M79/01\_TourinhoHerteBeling\_M79.pdf\). Acesso em setembro de 2012.](#)
- LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Do ecodesenvolvimento ao desenvolvimento sustentável.** Evolução de um conceito. Disponível em: [http://material.nerea-investiga.org/publicacoes/user\\_35/FICH\\_ES\\_32.pdf](http://material.nerea-investiga.org/publicacoes/user_35/FICH_ES_32.pdf). Acesso em agosto de 2012.
- LEIS, Hector Ricardo. **A modernidade insustentável. As críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea.** Montevideo, 2004. 178 páginas, figuras y diagramas. 2da edición revisada.
- LIMA, Eliana de Souza. **A importância da mídia na conscientização ambiental.** Associação Brasileira de Jornalismo Científico. 2002. Disponível em [http://www.jornalismoambiental.com.br/jornalismoambiental/artigos/jornalismo\\_ambiental/artigo3.php](http://www.jornalismoambiental.com.br/jornalismoambiental/artigos/jornalismo_ambiental/artigo3.php). Acesso em agosto de 2012.



LUBETKIN, Mario. Comunicação: IPS no combate ao vazio informativo. Disponível em <<http://www.ipsnoticias.net/portuguese/2005/06/mundo/comunicacao-ips-no-combate-ao-vazio-informativo/>>. Acesso em agosto de 2012.

MARCUZZO, Sílvia. **IV CBJA: Chover no molhado**. Disponível em: <<http://osverdestapes.blogspot.com.br/2011/11/iv-cbja-chover-no-molhado.html>> e <http://mavba.blogspot.com.br/2011/11/comeca-no-rio-iv-congresso-de.html>. Acesso em agosto de 2012.

OLIVEIRA, Polline Almeida de. **Uma análise da cobertura socioambiental**. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma\\_analise\\_da\\_cobertura\\_socioambiental](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_analise_da_cobertura_socioambiental). Acesso em agosto de 2012.

PEREIRA, Vinícius. **Jornalismo ambiental sofre com profissionais despreparados**. Agência Universitária de Notícias da USP. 2012. Disponível em: [http://www.usp.br/aun/antigo/www/reeng/materia.php?cod\\_materia=1205292](http://www.usp.br/aun/antigo/www/reeng/materia.php?cod_materia=1205292). Acesso em agosto de 2012.

RAMOS, Luís Fernando Angerami. **Meio ambiente e meios de comunicação**. São Paulo: AnnabluMe/FAPESP, 1995.

REDCALC - **Rede de Comunicadores Ambientais da América Latina e Caribe**. Disponível em: <https://terragoia.wordpress.com/2012/01/11/red-de-comunicacion-ambiental-de-america-latina-y-el-caribe-redcalc/>. Acesso em agosto de 2012.

RBJA – **Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental**. Disponível em: <http://cbja-rio2011.com.br/>

SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir**. São Paulo: Vertice, 1986. \_\_\_\_\_. **Estratégias de Transição para o século XXI**. Desenvolvimento e Meio Ambiente. São Paulo: Studio Nobel/FUNDAP, 1993.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SOUZA, Cidoval Morais e FERNANDES, Francisco Assis. **Mídia e Meio Ambiente: Limites e Possibilidades**. Universidade de Taubaté. Departamento de Comunicação Social. 2002. Disponível em: [http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/midiaemeio\\_ambiente-N2-2002.pdf](http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/midiaemeio_ambiente-N2-2002.pdf). Acesso em agosto de 2012.

STRONG, Maurice. **A crise ambiental e a economia estão interligadas**. Junho de 2012. Portal Vermelho. Disponível em: [http://www.vermelho.org.br/tvvermelho/noticia.php?id\\_noticia=185026&id\\_secao=29](http://www.vermelho.org.br/tvvermelho/noticia.php?id_noticia=185026&id_secao=29). Acesso em agosto de 2012.

TEIXEIRA, Antônio Carlos. **Jornalista, pós-graduado em Ciências Ambientais**. Editor do Blog **TerraGaia**. Disponível em: <http://terragoia.wordpress.com>. Acesso em agosto de 2012.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável**. Abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação. São Paulo: Globo, 2005. - 302 p.

VIANNA, Maria Daniela de Araújo. **Tese USP. A cobertura jornalística sobre poluição do solo sobre resíduos: uma análise da produção dos jornais O Estado de São Paulo e Folha de S. Paulo da Rio 92 a 2007**. 2012. Disponível em: [http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/90/90131/tde-17062012-234336/publico/MARIADANIELA\\_PROCAM2012\\_CORRIGIDA.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/90/90131/tde-17062012-234336/publico/MARIADANIELA_PROCAM2012_CORRIGIDA.pdf). Acesso em agosto de 2012.

VIEIRA, Liszt e CADER, Renato - **A política ambiental do Brasil ontem e hoje**. Ministério do Planejamento/UNICAMP. Revista ECO 21. Edição 129. JULHO. 2007.



Disponível em: <http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=1601>. Acesso em agosto de 2012.

[VIEIRA, Paulo Freire](#). Professor-adjunto do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Pesquisador do CNPq. [Artigo: Do ecodesenvolvimento ao desenvolvimento territorial sustentável. 2009. Periódicos UFSC. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/11610> Acesso em agosto de 2012.](#)

VILAS BOAS, Sergio (org.). **Formação & Informação Ambiental**. Jornalismo para iniciados e leigos. Summus, 2004.

VIOLA, Eduardo. **A Globalização da Política Ambiental no Brasil**. Disponível em: <http://portaldomeioambiente.org.br/editorias-editorias/terceiro-setor/ambientalismo/2021-a-globalizacao-da-politica-ambiental-no-brasil>. Acesso em agosto de 2012.